



LIVROS

Poesia

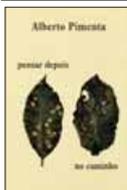
A érica do presente contínuo

Um poema épico escrito num tempo alheio ao registo da epopeia. Alberto Pimenta é o poeta que ergue perante o seu mundo e o seu tempo um canto do ameaçado humano.

Hugo Pinto dos Santos

Pensar depois no caminho

Alberto Pimenta
Edições do Saguão



O livro anterior de Alberto Pimenta – *Novo Fabulo, O Mea Vox – De Novo Falo, a Meia Voz* (Pianola, 2016) – é uma

excepcional encenação poética, manutenção prodigiosa de um diálogo da mais admirável tensão lírica. Uma das marcas deste percurso de quase meio século de publicação são os envios para alguns *topoi* de anteriores actividades de escrita (expressão de Alberto Pimenta). O verso “ainda há muito por resolver” (p.16), por exemplo, dialoga com o título do livro *Ainda Há Muito para Fazer* (& etc, 1998); as notas de rodapé que ocupam as páginas finais de *Pensar depois no caminho* prolongam o “Terceiro Excurso” de *O Silêncio dos Poetas* (Cotovia, 2.^a ed., 2003): “Já reparaste que tens o mundo inteiro/ dentro da tua

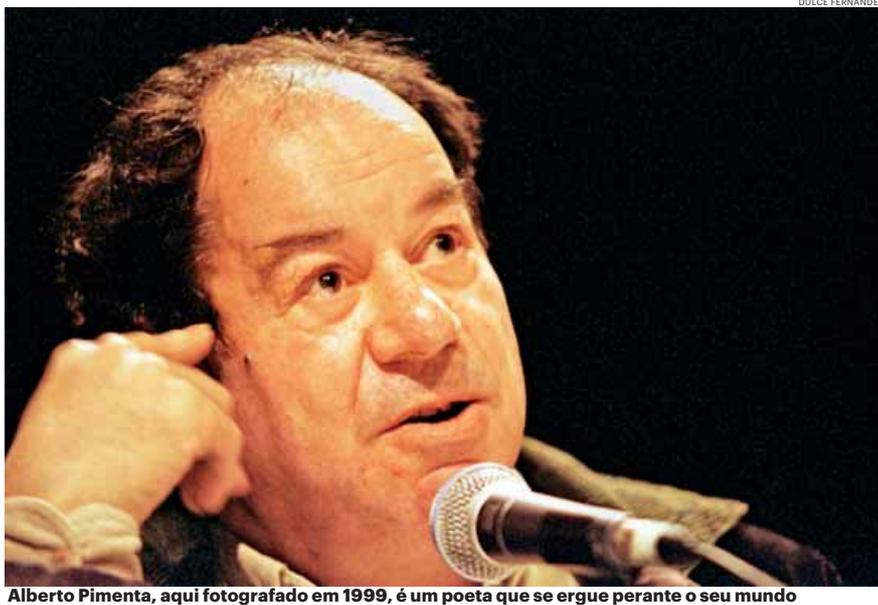
cabeça”. No entanto, e assim acontece com invulgar frequência, este novo livro de Pimenta revolve tudo, baralha os dados, e surge radicalmente diferente, nos seus processos, no alcance do que constrói, nas matérias por si convocadas. Pensar depois no caminho é um poema épico. Isto é, uma composição poética extensa, escrita em modo mais ou menos narrativo, na qual o sujeito recua, se afasta, quase se oculta, em detrimento de um “nós” que, embora de teor flutuante (a humanidade tem sempre distintas facetas), nunca deixará de ser substância plural – “nós tântalos e ternos/ ou tenros/ dentro da água/ mortos de sede” (p.153). O risco de anacronismo seria mínimo, se lhe apontássemos o camoniano “estilo grandiloco e corrente”, porque se trata exactamente de uma linguagem acessível e, ao mesmo tempo, nascida de um labor intenso. E, mudando o que há que mudar, nem seria improvável encontrar no poema de Alberto Pimenta um plano dos deuses, um plano da História, da viagem, e do poeta. Deus e o diabo ocupam um dos lugares centrais do poema, onde a figura do ecrã é presença permanente. Espécie de complemento do divino, ou seu simulacro, espelho derrisório na ilusão cómica criada pelo poeta com ironia extrema. Essa tela de imagens articula-se, proveitosamente, com o “guião” (p.94), outro elemento que comparece com assiduidade no poema, assim como derivações ubíquas da tecnologia: “*smartphone*/ na mão/ como um espelho/ duplo” (p.155). Uma omnipresença/ omnipotência, a dos ecrãs, que já fora exposta, de resto, por *Reality Show, ou Alegoria das Cavernas* (Mia Soave, 2011): “a

sociedade/ muitas vezes/ não agradece o nosso esforço/ embora/ quando está diante do ecrã/ sejamos nós os únicos/ a fazer com que se sinta/ ela também lá dentro”.

Como acontecia num livro anterior de Alberto Pimenta, *Autocataclismos* (Pianola, 2014), é possível ler os versos de *Pensar depois no caminho* num contínuo, ou seja, das páginas ímpares até às pares (pelo menos, até certo momento do livro...), mas também em sequências separadas. Cada página de *Autocataclismos* apresentava dois tercetos, legíveis em sequência, ou separadamente. Em nenhum dos livros (e há, naturalmente, outros exemplos equiparáveis) se trata de ludismo ou de gestos ilusionistas, mas de operações radicais sobre a estrutura mesma da palavra, da frase e da linguagem. São ataques do coração aos termos do texto, aos vocábulos e às ligações que formam, neste caso, a poesia. O poema é aqui visto como estrutura sob ameaça, uma construção em estado de sítio. É mesmo possível detectar o momento exacto (p.65) em que o poema se torna uma forma textual ainda mais volátil e se dissemina no espaço de cada verso, com vocábulos e unidades rítmicas laceradas e cindidas, com recurso a violentas polissemias e a paronímias mais evidentes. A partir desse ponto do poema, as páginas ímpares procedem de uma forma, e as restantes, de outra. Às páginas do lado esquerdo cabe a discursividade plena; às outras, a superação do discurso normativo, a rebeldia, a dissolução e, finalmente, a dispersão, pulverização de todas as estruturas. É como se o assunto se houvesse tornado demasiadamente instável e tenso para um discurso coeso e tradicional; ou como se este tivesse atingido a sua capacidade máxima, à maneira de um recipiente que transbordasse – o conteúdo recusando a estabilidade do seu continente. Semelhantemente, a partir de certo ponto exacto de *Pensar Depois* (p.194), a manipulação da “espacialidade” passa a ocorrer em todo o texto – páginas pares e ímpares. Os “motivos emocionais” (como se lia no *Fradique*) já antes saltavam de um para outro lado – “o heróico uivo/ do Adolffkampf” (p.160); “com cera Reich/ decidem entre si/ accionistas” (p.161) –; mas, naquele ponto, mais do que nunca, fundem-se os procedimentos do esfecelamento do discurso, com manipulações radicais do corpo de cada palavra a rasgarem as páginas finais do livro, como se nada mais restasse do que uma espécie de detritos no seguimento da explosão final de um corpo celeste.

Um poema de Alberto Pimenta motiva sempre uma descida inesperada e irremediável dos níveis de previsibilidade e segurança. Porque todo o trabalho de Pimenta é risco e imoderação. A sua actuação é de uma permanente imponderabilidade. O poema, este poema, é uma imparável máquina produtora (e revolucionária) de sentidos. A fluidez com que avança o verso, sem quase quebras estróficas ou organizadoras, equivale ao modo contínuo como os temas se entrelaçam uns pelos outros. E nada se torna acumulação, pois do que se trata é de uma certa naturalidade, uma espécie de inevitabilidade. É o modo altamente orgânico como os elementos se conhecem como afins; esse tónus ilocalizável que possuem as palavras e os seus agrupamentos quando é a arte de Pimenta que os coliga. Mais do que combinatória, é uma arte mágica, porque não enjaeta o que há de sortilégio na criação. E embora a escrita se formule, obviamente, tomando em linha de conta a razão e as disposições de certa harmonia de pensamentos, desde, pelo menos, o *Íon* platónico que a loucura e a “inspiração” se colam uma à outra. O que, em Pimenta, mais impressiona é que a erudição nunca surge como um convidado inconveniente, uma excrescência – mas como aquilo que sempre lá devia ter estado, desde sempre, e para todos os efeitos. A poesia, como Pimenta escreveu em *A Magia Que Tira os Pecados do Mundo* (Cotovia, 1995), “situa-se numa espécie de presente contínuo que abrange passado e futuro porque traz dentro de si toda a poesia já feita”. A citação é um modo de exemplificação, não um empolamento; a alusão erudita não serve de elo de ligação, mas de propulsor, de motor de estranheza e incitamento – não de didactismo, portanto, mas de subversão. Chamar pelo nome “um tal John Milton” (p.29) não é pedantismo; como não o era a explicação “isto são versos skeltónicos/ assim chamados de/ John Skelton/ antigo poeta inglês” (*Reality Show*); bem assim, a invocação dos “centauros” (p.48) não é arqueologia, mas biologia, ciência da vida, através de uma visão estereoscópica dos tempos e da História. É como se o mundo já tivesse acabado, e o poeta lembrasse, por entre escumbros, o que é, o que foi e o que será, como no poema de Blake.

Neste poema épico, Alberto Pimenta revisita uma herança comum de iniquidades e desmandos, de violentos acessos dos deuses às coisas da humanidade, de guerras como as de Tróia, mais do que uma vez lembrada, de indignidades de agora que são de sempre.



Alberto Pimenta, aqui fotografado em 1999, é um poeta que se ergue perante o seu mundo

DULCE FERNANDES

Estranha cosmologia, esta, na qual se mesclam elementos com géneses tão diversas, à maneira do que, por exemplo, sucede na *Divina Comédia*, com o cruzamento de fontes pagãs e do cristianismo (além de certa “heterodoxia” no tratamento dos “entes e contraentes” por parte de Dante). Pensar depois no caminho é obra de um poeta profundamente sabedor de que “tudo se recompõe” (*A Magia Que Tira os Pecados do Mundo*) e que a função da poesia é “ampliar o mundo/ não/ reduzi-lo ao tamanho de cromos” (De Nada, Boca, 2010). Um poeta que faz conviver, através de uma forma poética declaradamente exigente, as mais desavindas proveniências, que confluem na personagem colectiva que é a humanidade.

Ficção

“Quanto tempo falta para o futuro”

Uma fábula distópica que nos dá a ver um tempo cada vez mais punitivo e sufocante. *Helena Vasconcelos*

Ecologia

Joana Bértholo
Caminho

★★★★★



As notícias que nos chegam, em cada dia que passa, fazem referência, com macabra insistência, a um mundo em colapso: saturados de informação, familiarizamo-nos rapidamente com ameaças nucleares, catástrofes naturais, brutais alterações climáticas, confrontos, manifestações, actos de extremistas, invasão da privacidade de cada um, corrupção e crime. Quem lê jornais ou vê televisão não escapa a esta voraz onda de dramatismo e mantém-se num estado de alerta e de medo permanentes. A única forma de sobreviver passa pela habituação, pela banalização do mal.

Vivemos uma contradição flagrante: por um lado as condições de vida melhoraram, numa significativa parcela do mundo. Existem mais curas para doenças, menos fome, melhor habitação, mais capacidade de consumo; nos países onde ainda se defende a democracia, existem leis que, pelo menos em teoria, defendem a integridade do indivíduo e, em geral, os direitos humanos.



Joana Bértholo é autora de um livro incómodo e brilhantemente estruturado

O preço a pagar por esta qualidade de vida, dita “civilizada” tem de ser, obviamente, elevado. “Não há almoços grátis”, diz o velho e cínico ditado. Nenhuma dívida dos deuses, dos políticos, dos poderosos pode ser, apenas, um presente desinteressado. Até mesmo os recursos naturais que, em princípio, deveriam ser gratuitos e à disposição de todos os seres vivos, surgem como bens taxáveis, pontual e fatalmente, nas contas, ao fim do mês, em qualquer casa. E a verdade é que ninguém se mostra admirado por pagar a água – da torneira ou engarrafada – a energia que consumimos, o ar que respiramos. Existe um preço para tudo que o cidadão comum consome, pago sem se saber bem porquê. O equilíbrio entre aquilo que nos é facultado pela natureza e a apropriação corporativa desses bens – tendo em vista o lucro, obviamente – está, há muito, desfeito, esfacelado, corrompido.

Para além disso, somos todos vigiados, em permanência. A nossa identidade é controlada, as nossas vidas, os nossos passos, as nossas actividades, até as nossas emoções são registadas algures, num espaço de armazenamento de dados virtual, sobre o qual não possuímos qualquer tipo de controlo.

Esta longa introdução tem como propósito contextualizar os temas abordados por Joana Bértholo no seu novo romance *Ecologia*, uma fábula distópica que nos dá a ver um tempo cada vez mais punitivo e sufocante. Com este título irónico, que remete para essa ciência que estuda as relações entre os seres vivos e o meio ambiente, e cujos propósitos, maioritariamente utópicos, são sistematicamente sabotados pelos próprios seres humanos, a autora constrói uma história de contornos alarmantes, passada num futuro demasiado próximo, para nosso conforto. E, neste caso, tudo se

concentra na linguagem, essa forma de contacto humano que aproxima, revela emoções, desmistifica, mas também engana e deturpa. As palavras, entidades que contêm uma riqueza incomensurável, passam a ser cobiçadas como um produto valioso e, evidentemente, apetecível para ser explorado e contabilizado.

É o que acontece quando Darla Walsh, uma muito jovem e sagaz executiva se lança na edificação de um império construído a partir da ideia de que é necessário normatizar o uso da linguagem. Através de sofisticados meios de vigilância permanente, todas as pessoas estão sujeitas a pagar montantes variados por essa forma de comunicação. Reminiscente do famoso “*big brother*” orwelliano, também aqui a vigilância se instala sub-reptícia, mas eficazmente. Personagens como Carolina, a jornalista, que faz retiros de silêncio com esperança de superar a incomunicabilidade com Tápio, o fotógrafo de guerra que se desespera com a dificuldade em descrever o horror no chamado “teatro de operações”, onde ele se sente como um actor, ou ainda Carolina e Pablo, pais adoptivos de Candela, a menina que contraria tudo e todos com a sua obsessão pelas palavras, uma actividade perigosa e dispendiosa, compõem um núcleo de diversos seres que, de uma forma ou outra, tentam adaptar-se ao “novos tempos”. De notar que o pagamento pela linguagem vai-se inserindo no quotidiano e poucos são aqueles que contestam tal prática.

Qual a lição a tirar deste livro incómodo e brilhantemente estruturado? Que não temos a percepção do valor intrínseco de uma miríade de coisas? Que somos cobardes e frágeis perante a ganância dos mais aptos, financeira e tecnologicamente falando? Que nos conformamos e nos habituamos a muito do que que nos é imposto violentamente?

Joana Bértholo escreve um livro revolucionário que analisa, sob o disfarce do romance, ou seja, através de histórias de pessoas com vidas que nos parecem familiares e próximas, o caos em que vivemos. Darla, tal como uma antiga deusa ou uma sibila, aparece em todo o lado, numa mistura de orientadora benigna e de feroz controladora. Desde as banais “*fake news*” – aqui vive-se num tempo de pós-verdade – até ao descuidado discurso das redes sociais e à manipulação dos meios de informação, passando pela censura, que o ressurgimento e ascensão de certos governos totalitários deseja impor, tudo vai deslizando suavemente para uma “normalidade” inquietante.